

Estamos no Zoom, logo existimos:¹

Entrevista com o Professor Joshua Meyrowitz

We Zoom, therefore we are:

Interview with Professor Joshua Meyrowitz

Joshua Meyrowitz

Professor emérito de Comunicação na Universidade de New Hampshire. É autor do premiado livro “No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior” e de mais de 100 artigos sobre mídias e sociedade publicados em periódicos científicos

Universidade de New Hampshire, Departamento de Comunicação, New Hampshire, Nova Inglaterra, EUA.

O senhor é conhecido por seu trabalho em mídias eletrônicas e pelo sentido mutável de lugar, por integrar a teoria das mídias de McLuhan com a dramaturgia de Erving Goffman. Se não se importa, poderia nos contar como se interessou pelos estudos das mídias?

Meu interesse pelas mídias eletrônicas começou quando eu era uma criança, um membro da primeira “geração televisiva” nos EUA. Isto é, nós éramos as primeiras crianças (nos anos 1950) que experimentaram a televisão *antes* de entrar na escola, antes de imergir nos modos literários de conhecer (e nos modos literários de *não* conhecer).

Além disso, o aparelho televisor que meus pais compraram não era muito confiável e, quando quebrava, meus pais - que eram céticos quanto a essa nova mídia - raramente se apressavam para levá-lo ao

¹ Entrevista originalmente publicada no periódico japonês ARE em fevereiro de 2021. Tradução de Luiz Baez (Doutorando em Comunicação e membro da equipe editorial da Revista ALCEU) e revisão técnica de Adriana Braga (professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio), com a permissão do autor.

concerto. Então eu me tornei muito atento a quão diferente o mundo parecia para uma criança com TV em comparação a uma criança sem TV. Em contraste com os livros infantis que meus pais liam para mim, a TV mostrava crianças cujos pais e outros adultos não sabiam sempre tudo. A TV desmistificava os comportamentos e estratégias de cada sexo para o outro, e a TV revelava que até mesmo “grandes líderes” eram bem “comuns” quando vistos e ouvidos de perto - suando e gaguejando como todo mundo.

Essas experiências me levaram a um interesse pelas mídias (e também pelo teatro e pela atuação) em termos de como novas formas de comunicação modificavam os “palcos” em que todos/as nós atuávamos. Eu me interessava particularmente em como novas mídias mudavam tanto o que diferentes tipos de pessoa sabiam *sobre* os outros quanto o que diferentes tipos de pessoa sabiam *comparados* aos outros. Eu esperava ver muita coisa escrita sobre isso quando entrei na faculdade, mas fiquei chocado ao descobrir que a maioria das pesquisas sobre as mídias eram estudos muito restritos e limitados da imitação e da persuasão. Isto é, o enfoque eram os efeitos das “mensagens” midiáticas no que as pessoas faziam e acreditavam.

Dada a minha frustração, eu fiquei bastante empolgado justamente com aquilo que pesquisadores/as das mídias tradicionais achavam mais ofensivo no trabalho de Marshall McLuhan dos anos 1960: a sua reivindicação de que era a natureza de cada meio, e não as mensagens, que tinha efeitos mais profundos na sociedade. Contudo, apesar de todo seu brilhantismo, McLuhan não tinha muito a dizer sobre como as mudanças nas mídias modificavam as particularidades das interações sociais cotidianas. McLuhan falava de mudanças no “balanço sensorial” aparentemente mágicas. Por outro lado, Erving Goffman analisava precisamente os detalhes das performances sociais cotidianas e como as pessoas mudavam seus comportamentos com base em quem estava e quem não estava presente. Ainda assim, Goffman tinha uma cegueira complementar: ele foi completamente alheio à influência das mídias nas fronteiras entre cenários sociais. Na verdade, ele dividiu o universo da interação social em duas categorias: estar na “copresença” de outros/as (isto é, ver cada um/a vendo o/a outro/a) e estar sozinho/a!

Isso me levou a atribuir sentido às minhas experiências infantis, criando conceitos que serviam como denominadores comuns e conectavam cenários de interação, papéis sociais e mídias, como se dissesse que esses eram todos formas de “sistemas de informação”. E, uma vez em posse desses conceitos que serviam como denominadores comuns, pude construir teorias lógicas e dedutivas sobre como mudanças nas mídias modificavam sistemas de interação, deste modo reorganizando todos os papéis de identidade de grupo,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.290>

socialização e hierarquia de maneiras previsíveis. Desenvolvi o que chamo de teoria do sistema de funções do meio (*Role-System Medium Theory*). Empreguei o singular “meio” porque o foco é sobre como cada mídia em particular (ou cada *tipo* de mídia) é significativamente diferente em relação à outra (e a outros *tipos* de mídia). A mídia eletrônica, eu argumento, modifica as formas tradicionais de separação entre comportamento público e privado e quebra a velha conexão entre o que somos fisicamente e o que sabemos e experimentamos com nossos olhos e ouvidos.

O senhor concordaria, então, que a distância física entre países (como, por exemplo, entre Durham, nos EUA, e Wuhan, na China) não faz mais muito sentido no mundo de hoje?

Penso que a distância ainda importa muito, mas certamente não faz mais o *mesmo* “sentido” de outrora. A primeira coisa que me vem à mente sobre a experiência global da Covid-19 é como as pessoas podem finalmente estar compreendendo o que Marshall McLuhan queria dizer com uma “aldeia global”. McLuhan foi falsamente acusado de dizer que as mídias eletrônicas tornavam todo mundo o mesmo e uniam todas as pessoas em uma unidade harmônica. Na realidade, ele não falava de homogeneidade ou harmonia, mas do fluxo de informação eletronicamente reforçado, da atenção crescente às experiências dos outros - e da atenção crescente à atenção alheia.

Isto é, McLuhan estava imaginando uma nova forma de “copresença” *mediada* atravessando as fronteiras geográficas e culturais. E essa nova “arena compartilhada” leva tanto à empatia crescente para além desses limites outrora emocionalmente opacos quanto à crescente sensação recíproca de diferenças remanescentes. Pessoas que antes pensavam ser simplesmente “normais” ao olhar para suas localidades físicas imediatas ganham progressivamente padrões múltiplos, muitas vezes distantes, para julgarem a si mesmas. Assim, os/as pobres estão mais conscientes de sua pobreza. Populações discriminadas estão mais conscientes daquilo de que estão sendo excluídas. Ironicamente, portanto, a gradativa sobreposição de experiências leva à desarmonia acentuada, aos protestos e demandas por mudança. Chamo este um mundo de “fragmentação compartilhada”; as diferenças profundas prevalecem, mas com maior consciência de “outros” diferentes. Nossa situação atual é bem distinta da fragmentação extrema do passado, quando as pessoas estavam tão informacionalmente isoladas umas das outras que sequer sabiam o quão diferentes eram as outras pessoas e lugares.

Por outro lado, a distância física entre indivíduos importa (no Japão, chama-se “distanciamento social”). No passado, as mídias tiveram o efeito de “redução de distância”, bem como o de “extensão do corpo”, mas será que hoje a infecção do Covid pode converter significativamente o papel das mídias em direção à ampliação da distância “entre indivíduos”?

O impacto das mudanças nas mídias e das mudanças nos riscos de doenças infecciosas não é o mesmo em qualquer lugar; padrões culturais e subculturais são “variáveis intervenientes” significativas. Tenho, portanto, de limitar minha resposta ao que vejo nos EUA e em outras sociedades ocidentais. Ao mesmo tempo, as características físicas de cada tipo de mídia e de cada tipo de doença estabelecem algumas possibilidades e limites genéricos com que todas as pessoas em todos os lugares têm de lidar.

Como escrevi em *No Sense of Place*, nos anos 1980, não compartilho a surpresa da sociologia com o crescimento acelerado de moradias com um só habitante nos EUA. Viver “sozinho/a” costumava ser um sinal de desordem social, e os estudos sociológicos ficaram inicialmente confusos quanto aos motivos para essa correlação não mais existir. Porém, como argumentei à época, com as várias novas formas de mídias, pode-se viver fisicamente sozinho/a e sentir-se bem “conectado/a” com outros/as por meio de experiências compartilhadas e interações em qualquer nível desejado. E agora, algumas décadas depois, essa mistura de estar sozinho/a (em um sentido baseado na localização) e completamente conectado/a (comunicacionalmente) ao mesmo tempo é mais verdadeira do que nunca. Com efeito, mesmo em moradias ocupadas por famílias, há conexões crescentes com pessoas distantes e, portanto, inevitavelmente, uma diluição *de facto* da experiência compartilhada com parentes na mesma casa.

Além disso, acho difícil imaginar como seria viver a pandemia global atual *sem* todas as formas de mídias digitais que nos dão um sentido de continuidade, de experiência compartilhada e interação. Monitoramento e engajamento provêm de notícias unidirecionais, de mídias bidirecionais e de mídias interativas multidirecionais, incluindo tecnologias de videoconferência como o Zoom.

Ao mesmo tempo, quem usa o Zoom ou tecnologias similares para reuniões públicas, conferências e até mesmo reuniões familiares está profundamente consciente de como novas formas de “alienação” acompanham as novas formas de conexão. Então, sim, essas mídias, como notou McLuhan, “estendem o corpo” no tempo e no espaço, mas simultaneamente criam experiências “desencarnadas” (descorporificadas).

Temos então uma nova faca de dois gumes digital. Uma vez que muitas reuniões familiares e profissionais (casamentos, funerais, conferências) acontecem no Zoom, um número maior de pessoas de diferentes cantos do mundo podem estar “lá”. E essa inclusão ampliada é inusitada e excitante, até mesmo reconfortante, mas há muita coisa faltando. Antes de tudo, a “definição da situação”, em termos de Goffman, não mais “satura” uma dimensão espaço-temporal. Por meio do Zoom, vejo pessoas “em” eventos comendo, tricotando, cuidando de crianças e até mesmo participando de outro evento no Zoom simultaneamente. E, entre os segredos que todo mundo que usa o Zoom conhece, está o de que ninguém precisa tomar banho (ou, teoricamente, nem mesmo vestir qualquer roupa da cintura para baixo!) para “frequentar” um evento formal no Zoom ou mesmo fazer uma apresentação profissional por meio do Zoom.

Ao mesmo tempo, enquanto nossa “representação do *self*” é reduzida ao que a câmera vê e ao que o microfone ouve, repentinamente os cenários físicos de nossas casas e escritórios (geralmente bem visíveis por trás de nós no Zoom) são agora parte de nossas “fantasias sociais” de modo que não seriam caso viajássemos para uma reunião ou outro evento, deixando para trás qualquer bagunça cotidiana que existisse nos nossos espaços de vida e de trabalho. É engraçado observar como especialistas convidados/as pelo Zoom para a TV geralmente se vestem mais informalmente do que fariam em uma apresentação profissional “ao vivo”, mas costumam organizar cuidadosamente o cenário atrás de si, geralmente com tipos similares de livros, quartos incrivelmente arrumados e às vezes flores novas. Ainda assim, os “acidentes do Zoom” também podem ocorrer, com animais, crianças, cônjuges, insetos voadores e afins estragando o espetáculo, ou - ainda mais drasticamente - quando alguém se engana e pensa que a câmera e o microfone estão silenciados ou restritos no que capturam, levando ao vazamento de hábitos intimamente privados pelo Zoom, por vezes com consequências reputacionais desastrosas.

Mesmo quando tudo ocorre conforme o planejado, a vida desencarnada no Zoom é mais estritamente “utilitária”, despida de toda interação informal que, na verdade, torna a maioria dos encontros presenciais divertidos e enriquecedores. Então, de fato, nós atravessamos uma audiência pública, uma apresentação em conferência, um ritual religioso, uma celebração de feriado familiar, e assim por diante, mas nós não nos abraçamos, nos cheiramos, compartilhamos comida, comparamos nossas alturas e circunferências, sentimos nosso calor corporal, formamos novas amizades íntimas, e por aí vai. Isto é, nós perdemos todas as experiências ricas e prazerosas (ou desprazerosas) de sermos corpos vivos no mesmo espaço e no

mesmo lugar. Conexões por Zoom carecem do compromisso e do engajamento recíprocos. Como o filósofo social George Herbert Mead argumentou há um século, nós nos conhecemos melhor quando imaginamos como outras pessoas nos imaginam. Quanto mais as pessoas vivem no mundo limitado do “estamos no Zoom, logo existimos”, mais elas anseiam por conquistar um senso de identidade mais forte no contato próximo com outras pessoas.

Dado tudo que acabei de mencionar, não acho surpreendente que, durante a pandemia da Covid-19, movimentos massivos de rua tenham acontecido nos EUA e em muitos outros países para combater a brutalidade policial contra negros/as e outras minorias, com a novidade adicional de que muitos, e em alguns casos a maioria, dos/as protestantes era branca. Com os vídeos virais de negros/as sendo mortos pela polícia, há, como disse anteriormente, um senso de empatia expandido para além de limites outrora emocionalmente opacos. Por meio dos vídeos virais, muitas pessoas ao redor do mundo puderam praticamente sentir os quase nove minutos do sufocamento de um homem negro, George Floyd, por um policial branco em Mineápolis em maio de 2020. Contudo, sem menosprezar o significado dessa esfera expandida de empatia, penso que é também verdade que milhões de pessoas estavam se sentindo esvaziadas de interação humana após estarem confinadas em casa durante semanas por causa da pandemia, e elas ansiavam estar no meio de outros seres humanos. E então se juntaram a outras pessoas para encher as ruas por uma causa justa. Além disso, havia uma consciência local de que existiam protestos similares em muitas outras partes do mundo. Que sentido poderoso de conexão global!

Muitos aspectos de seu trabalho lidam com a forma como as mídias modificam as dinâmicas de poder. O senhor enxerga mudanças de poder interessantes por meio do Zoom?

Sim, o Zoom interage com as dinâmicas de poder de diversas maneiras. Quando reuniões municipais migram para o Zoom, todas as dimensões de poder do cenário político estão em jogo. O conceito de “sentar na cabeceira”, por exemplo, é perdido quando as telas de altos/as funcionários/as têm a mesma aparência que aquelas dos/as com menor autoridade. Além disso, assim como os *close-ups* televisivos desmistificam líderes, ninguém parece tão especial ou nobre em uma tela do Zoom.

Por meio do Zoom, um público mais amplo pode facilmente “chegar a” uma reunião (se tiver bom conhecimento tecnológico, um grande “se” em vários casos). Porém, ao mesmo tempo, o poder do público nas reuniões é frequentemente restrito. Na era pré-Zoom, mesmo os/as menos poderosos/as em uma

reunião oficial - membros do público - tinham uma “presença” profundamente coletiva, que agora se perdeu no Zoom. Não importa o quanto as autoridades tenham tentado subestimar o impacto dos/as cidadãos/ãs “ocupando o ambiente”, toda a “temperatura” da reunião, tanto literal quanto figurativamente, mudava quando o público lotava um espaço físico. Mesmo quando membros do público não podiam falar, ou quando apenas alguns/mas falavam, uma multidão na arena social produzia impacto por meio de aplausos, vaias, suspiros e resmungos, até mesmo trocando de lugares ou deixando furiosamente a sala. Todo esse “poder-pela-presença-viva” está agora perdido.

Por meio do Zoom, as autoridades comandam o espetáculo. A tecnologia pode, de fato, ser usada para apagar o público. Em reuniões recentes da comissão de planejamento da minha cidade natal, Durham, em New Hampshire, as câmeras do público foram desligadas e os microfones, silenciados, até que se fosse “autorizado” participar em curtas intervenções (e então por vezes cortado no meio de uma frase). De todo modo, mesmo quando conseguíamos falar o que queríamos, não havia “efeito multidão”. Nossos concidadãos não estavam “conosco” em som, visão, olfato e calor. Na verdade, o público ficava tão inaudível e invisível para os membros da comissão que eles/as se esqueciam de nos deixar participar das audiências “públicas” conforme legalmente exigido. Como resultado, os membros do público excluídos recorriam frequentemente ao e-mail, às mensagens de texto e às publicações em redes sociais durante a reunião (e também à função “chat” do Zoom - quando esta não era desativada por quem está no poder) para enfrentar o controle e a censura, com resultados geralmente limitados e frustrantes.

Tais dinâmicas da microestrutura da minha cidade natal são muitas vezes reproduzidas na macroestrutura ao redor do mundo por meio das redes sociais, em uma espécie de sistema neofeudal de soberania e submissão dentro de sistemas controlados pelos monarcas da internet, como o Facebook e o Google.

Resumidamente, como minha *Medium Theory* sugere, as tecnologias não têm efeitos unitários “deterministas”. A tecnologia interage com as dinâmicas de poder e os padrões culturais existentes. Um conteúdo igual ou similar frequentemente produz efeitos diferentes em mídias diferentes. Novos meios de comunicação proporcionam novas possibilidades, que seres humanos exploram para propósitos velhos e novos, bons e ruins. E as pessoas desenvolvem ativamente novas formas de conteúdo e novos modos de interação para se equiparar às potencialidades e limites das novas mídias.

Por fim, se o senhor tiver uma mensagem para quem se interessa pelo estudo das mídias, ou para jovens atualmente envolvidos/as em pesquisa envolvendo as mídias, ou qualquer dica ou conselho para pensar as mídias, adoráramos escutá-lo.

Minha mensagem para jovens e para qualquer pessoa interessada em estudar as mídias é pensá-las ampla e inclusivamente. Não permita que ninguém que está “defendendo” uma abordagem *particular* das mídias - inclusive eu - estreite seu pensamento. Sempre que olhar para o que outros/as dizem e estudam sobre as mídias, e sempre que fizer a sua própria pesquisa e análise, dê um passo atrás para pensar quais questões não estão sendo perguntadas e quais métodos para respondê-las não estão sendo utilizados.

Em meu trabalho sobre a “teoria da mídia”, tal qual descrevi nas minhas respostas anteriores, defendo que cada mídia é um tipo de cenário ou ambiente que tem influências distintas daquelas de outras mídias. Obviamente, acredito que isso seja verdadeiro, mas, como explorei em meu outro trabalho de análise crítica de notícias, as mesmas mensagens propagandísticas sobre “inimigos” tendem a penetrar *todas* as formas de mídias de uma sociedade. Logo, o “conteúdo” midiático - nesse e em outros temas - ainda é extremamente importante. Além disso, como escrevi em outras publicações, a manipulação das variáveis de produção pode modificar profundamente as respostas às mensagens dentro de cada mídia. A estrutura de filmagem nas mídias visuais, por exemplo, pode moldar com quem ou com o quê nos identificamos ou nos importamos, além de se as personagens ou ações são, em um sentido abstrato, “boas” ou “ruins”.

Na minha própria docência em cursos de Comunicação, sempre encorajei estudantes a pensarem as mídias de, no mínimo, três maneiras diferentes: 1) como canais de transmissão de mensagens ou “conteúdo” dignos de análise; 2) como linguagens distintas dotadas de um conjunto único de variáveis “gramaticais” que podem ser estruturadas para responder ao conteúdo; e 3) como ambientes que influenciam as interações microestruturais específicas para as quais são empregados, bem como as dinâmicas macroestruturais sociais e globais nos casos em que determinadas mídias são amplamente utilizadas. Quando interagimos com as mídias, todas essas três dimensões estão simultaneamente em jogo.

Além dessa variedade de questões sobre as mídias, eu encorajei estudantes a pensarem em três diferentes relações metodológicas que pesquisadores/as desenvolvem com as mídias (e, de fato, com qualquer tema de estudo): A) como **observadores/as/-descritores/as** que empregam uma vasta variedade de submétodos “descritivos” para ver “o que está lá”, incluindo correlações entre variáveis visíveis, sem

deliberadamente *modificarem* o fenômeno observado; B) como **experimentadores/as** que tentam fazer algo acontecer para testar uma tese de causa e efeito; e C) como **teóricos/as** que elaboram conceitos e princípios abstratos, usando de indução e/ou dedução, para defender a existência de processos raramente observáveis diretamente. Cada um desses métodos gerais é, em alguns aspectos, melhor que os outros e, em outros, pior. A maioria das coisas que acreditamos conhecer com alguma segurança vem de uma combinação de resultados de todas essas abordagens metodológicas.

Já que cada uma das três formas de pensar as mídias pode ser estudada por meio de três “métodos” concebidos abrangentemente para o estudo das mídias, chega-se a nove combinações possíveis para qualquer tema midiático (pode-se pensar em uma matriz 3x3). A maioria das pesquisas baseia-se em uma só concepção de mídias usando uma única abordagem metodológica geral. (Um exemplo seria um estudo sobre o impacto dos *close-ups* e dos planos gerais na preocupação do público com vítimas de violência em filmes de terror, o que preencheria a “caixa” de uma questão da “gramática” midiática estudada experimentalmente). Assim, para a maioria dos estudos apresentados, devem-se imaginar oito outros - cada um combinando um tipo de questão midiática com uma abordagem metodológica - que (ainda) não foram feitos. E, logo, a tarefa desafiadora é tentar preencher tantas “caixas” restantes quanto possível na exploração de qualquer tema midiático, ao menos coletivamente e ao menos a longo prazo.

Pensar tanto sobre o que está em foco nos estudos das mídias quanto sobre o que está sendo deixado de lado conduz a um senso saudável de humildade, à valorização do trabalho alheio, e também a mais que uma vida inteira de questões interessantes e abordagens para respondê-las.

Joshua Meyrowitz

Universidade de New Hampshire, Departamento de Comunicação, New Hampshire, Nova Inglaterra, EUA

Doutor em Ecologia das Mídias / NYU

E-mail: joshua.meyrowitz@unh.edu

Recebido em: 25 de março de 2022.

Aprovado em: 10 de abril de 2022.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.290>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.118-126, jan./abr. 2022